

METODOLOGIAS E ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA NA EJA: UM OLHAR PARA O CONFLITO INTERGERACIONAL

Rayane de Jesus Santos Melo; Maria Consuelo Alves Lima

Universidade Federal do Maranhão – Campus Dom Delgado, rayanemelo.27@gmail.com

Universidade Federal do Maranhão – Campus Dom Delgado, mconsuelo@ufma.br

RESUMO: As pesquisas referentes a Educação de Jovens e Adultos, em sua maioria, ressaltam as dificuldades encontradas pelos educadores dessa modalidade de ensino, sem formação adequada, em desenvolver metodologias e estratégias para atender as especificidades dos sujeitos que buscam na EJA oportunidades anteriormente negadas ou inalcançáveis. Essas dificuldades têm sido agravadas gradativamente, visto que as turmas da EJA passaram por um processo de juvenilização, onde concentram-se, em sua maioria, jovens que migraram do ensino regular para a EJA, devido ao processo de exclusão vividos por muitos, categorizados como repetentes, com baixo rendimento escolar e indisciplinados. Diante disso, esse estudo buscou discutir estratégias e metodologias que podem ser utilizadas pelo Professor de Matemática para atender as diferentes gerações existentes em turmas dessa modalidade de ensino. Utilizou-se a pesquisa bibliográfica por permitir realizar um movimento incansável de apreensão dos objetivos, de observância das etapas, de leitura, de questionamentos e de interlocução crítica com o material bibliográfico, e que isso exige vigilância epistemológica. Desse modo, propomos aos professores de Matemática a utilização de metodologias que valorizem os conhecimentos prévios dos alunos, o contexto em que estão inseridos e o desenvolvimento de posturas críticas e reflexivas para atuação na sociedade. Ainda assim, ressaltamos a estratégia de utilizar a evolução da matemática para mostrar aos alunos que esse conhecimento apresentado em sala de aula não é algo estático e fechado em si, mas desenvolvido ao longo de várias gerações.

Palavras-Chave: EJA; metodologias; matemática.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Lei de Diretrizes e Base (LDB) de 1996, a EJA é uma modalidade da Educação Básica nas etapas fundamental e média com características próprias, que oferece oportunidades aos jovens e adultos a iniciarem e/ou continuarem seus estudos na educação básica que, por algum motivo, não puderam concluí-lo. Segundo Farias (2010, p. 21) essa modalidade de ensino “consiste numa categoria organizacional constante da educação nacional e possui funções e finalidades específicas”. Na base da LDB/1996, o artigo 38 estabelece que deve ser oferecido aos sujeitos que buscam a EJA, um estudo equiparado ao daqueles sujeitos que sempre tiveram acesso à escolaridade e nela permaneceram.

Os documentos internacionais também são instrumentos importantes para enfatizar a exigibilidade e efetividade do direito à educação de jovens e adultos, como mostra a Declaração de Hamburgo:

A educação de adultos torna-se mais que um direito: é a chave para o século XXI; é tanto consequência do exercício da cidadania como condição para uma plena

participação na sociedade. Além do mais, é um poderoso argumento em favor do desenvolvimento ecológico sustentável, da democracia, da justiça, da igualdade entre os sexos, do desenvolvimento socioeconômico e científico, além de um requisito fundamental para a construção de um mundo onde a violência cede lugar ao diálogo e à cultura de paz baseada na justiça. (V Conferência Internacional sobre Educação de Adultos – V CONFINTEA, 1977, p. 19)

De acordo com o Parecer 11/2000 do Conselho Nacional de Educação (CNE)/Câmara de Educação Básica (CEB), a principal finalidade da EJA é auxiliar os sujeitos jovens, adultos e idosos a desenvolver habilidades, capacidades e potencialidades. O educador dessa modalidade deve proporcionar a promoção da autoestima dos seus educandos para que acreditem que são capazes de escrever suas próprias histórias. A última atualização desse documento, segundo alguns autores (SILVA, 2010; SILVA, 2007; BRAGA, 2011; DI PIERRO; JOIA; RIBEIRO, 2001), vem provocando o chamado processo de juvenilização da EJA, na qual ficou estabelecido 15 anos para o ensino fundamental e 18 anos para o ensino médio, como as idades mínimas para o ingresso nesta modalidade de ensino.

Os educadores sem uma qualificação satisfatória para atender os adultos e/ou idosos que não tiveram a oportunidade de concluir seus estudos na idade adequada enfrentam maiores dificuldades de atuar nas turmas da EJA, visto que o processo de juvenilização dessa modalidade de ensino tem exigido o desenvolvimento de estratégias e metodologias diferenciadas para atender as diferentes gerações presentes na sala de aula. Cabe ainda ressaltar que, os jovens que buscam essa modalidade de ensino, encontram-se desmotivados por terem passado pelo processo de exclusão no ensino regular e/ou pelo desinteresse em relação aos conteúdos ministrados na escola, alegando não saberem utilizar tais conhecimento na sua realidade.

Nas salas de aulas, de modo geral, os conteúdos ministrados distanciam-se da realidade dos alunos e o processo de ensino ainda consiste, em sua grande maioria, no formato tradicional, onde o professor é o detentor do conhecimento e o aluno necessita memorizar e reproduzir quando solicitado, seja em atividades e/ou provas. Freire (1996) denominou esse formato de ensino de “educação bancária” e incentiva a extinção desse modelo de educação, visto que não contribui para o desenvolvimento crítico e cognitivo do aluno.

Diante do quadro apresentado, esta pesquisa busca discutir estratégias e metodologias que podem ser utilizadas pelo Professor de Matemática para atender as diferentes gerações existentes em uma turma da EJA. Inicialmente, discutimos sobre o processo de juvenilização da Educação de Jovens e Adultos e, em seguida, problematizamos o ensino de matemática e as influências desse processo. Finalizando, apresentamos algumas estratégias e metodologias

para o ensino de Matemática nas turmas dessa modalidade, mediante os conflitos intergeracionais.

METODOLOGIA

A presente pesquisa se configura com uma investigação de natureza qualitativa visto que está voltada à representação dos objetos em sua totalidade dentro de certos contextos. Basicamente, tenta-se entender os significados dos dados, seus motivos, contextos, particularidades e todos os processos que envolvem o fenômeno estudado. (FLICK, 2009)

Quanto ao tipo de pesquisa, ela se configura como bibliográfica, pois segundo Vergara (2013), é desenvolvida com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral. Além disso, Lima e Miotto (2007, p. 37) afirmam que realizar uma pesquisa do tipo bibliográfica significa “realizar um movimento incansável de apreensão dos objetivos, de observância das etapas, de leitura, de questionamentos e de interlocução crítica com o material bibliográfico, e que isso exige vigilância epistemológica”.

Ancoramos esse estudo, em metodologias e estratégias propostas por Freire (1979) no livro “Conscientização: teoria e prática da liberdade” e Duarte (2009) no livro “O ensino de Matemática na Educação de Adultos”. Nessas obras, os autores retratam a importância de valorizar os conhecimentos prévios e de mundo que os sujeitos da EJA possuem, e a importância de mostrar a evolução do conhecimento matemática.

Juvenilização na Educação de Jovens e Adultos

Quando se pensa em Educação de Jovens e Adultos, a imagem que, geralmente, se faz presente na mentalidade das pessoas é de que os sujeitos que frequentam essa modalidade de ensino são pessoas maduras ou idosas, de origem rural e que nunca tiveram oportunidades escolares, como ressaltam por Haddad e Di Pierro (2000). Farias (2010) reforça essa ideia afirmando que as turmas da EJA são compostas de indivíduos que já possuem uma grande bagagem de vida, sendo constituídas por trabalhadores, desempregados, donas de casas, jovens, idosos, portadores de necessidades especiais, dentre outros que trazem consigo diferenças culturais, étnicas, religiosas, e de crenças.

De acordo com Couro (2007), os jovens e/ou adultos que retornam às salas de aula buscam saciar a vontade de aprender o que lhes fora negado quando mais jovens e a superação das privações que sofreram, seja por terem

que sair para trabalhar ainda muito jovens, ou por falta de escolas públicas, levando-os a condição de excluídos. Vale ressaltar que durante o primeiro acesso e/ou retorno à escola, as pessoas de mais idade encontram alguns desafios a serem enfrentados, pois muitos se sentem preocupados e com medo devido ao preconceito social com os idosos.

Para atender esse público, Santos e Sá (1999) afirmam que é preciso conhecer suas características e limitações, pois na velhice as pessoas não possuem a mesma acuidade visual e auditiva, estão mais propensas a se distraírem facilmente, são mais exigentes com os outros e consigo mesmas, e não conseguem produzir atividades que provoquem competição de aprendizagem. As autoras ainda ressaltam a importância de se criar possibilidades para que o estudante idoso participe ativamente do grupo, cuidando para que a convivência com as outras pessoas possa ser a mais saudável possível.

Docentes qualificados com um olhar diferenciado para esse público com características específicas é uma necessidade exigida para atender a clientela da EJA. Porém, muitos autores vêm discutindo sobre a péssima formação inicial e continuada dos educadores que atuam nessa modalidade de ensino, pois ao longo de suas trajetórias acadêmicas não foram preparados para atender as especificidades desse público. Outro fator que tem agravado o contexto da EJA é o processo de juvenilização que tem se intensificado gradativamente, por muitos jovens que buscam essa modalidade de ensino para concluir seus estudos do ensino básico.

Para alguns autores, o processo de juvenilização nas turmas da EJA começou a se intensificar a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 9394/96, na qual ficou estabelecido que os sujeitos maiores de 15 e 18 anos podem ingressar nas turmas do Ensino Fundamental e Médio da EJA, respectivamente. Outro fator que tem contribuído para esse processo é a ausência de educação de qualidade oferecida para os jovens que frequentam/frequentaram o ensino regular, conforme ressaltado por Silva (2007, p. 18):

O rejuvenescimento dos alunos é fato pontuado por pesquisas recentes realizadas no campo da Educação de Jovens e Adultos, atribuído à perda de qualidade do ensino regular e, mais recentemente, ao rebaixamento de idade para os exames supletivos, proposto pela LDB nº 9394/96, por meio da qual surge o que tem sido denominado de supletivização do ensino regular.

Haddad e Di Pierro (2000) ressaltam que antes os jovens não frequentavam as salas de aula regulares por falta de vagas nas escolas e, atualmente, eles têm oportunidades, mas encontram dificuldades na aprendizagem sendo excluídos antes de concluírem seus estudos. Braga (2011, p. 3) afirma que esses alunos são “categorizados como repetentes, com baixo rendimento escolar e indisciplinados” e que a falta de

uma educação de qualidade contribui para que os jovens abandonem o ensino regular, migrando para a EJA, em geral, desmotivados, desencantados com a escola regular, com histórico de repetência de um, dois, três anos ou mais e muitos deles sentem-se perdidos no contexto atual, principalmente em relação ao emprego e à importância do estudo para a sua vida e inserção no mercado de trabalho.

Silva (2010) salienta que o desinteresse pelas questões da escola também é um fator que marca a saída dos sujeitos da escola regular e, posteriormente, eles retornam para a escola da EJA a fim de concluir sua escolarização. O autor afirma que o distanciamento entre os conteúdos escolares e a vida dos estudantes contribui para aumentar o número de evasões do ensino regular, visto que os conteúdos curriculares que orientam as instituições de ensino são considerados poucos interessantes pelos jovens, pois não conseguem colocar em prática o que foi apreendido nos bancos escolares. Carrano (2007) corrobora salientando que as escolas têm se apresentado como instituições de ensino pouco abertas para a criação de espaços e situações que favoreçam experiências de sociabilidade, solidariedade, debates públicos e atividades culturais e formativas de natureza curricular ou extra-curricular.

Outra justificativa ressaltada por Braga (2011) para o processo de juvenilização na EJA está na entrada precoce dos jovens no mercado de trabalho, uma característica da juventude contemporânea. Di Pierro, Joia e Ribeiro (2001, p. 65) afirmam que “o aumento das exigências de instrução e domínio de habilidades no mundo do trabalho se tornou um dos principais fatores a direcionar os jovens para os cursos de suplência”, pois com a necessidade de trabalhar, os jovens deixam o ensino regular e buscam nos cursos da EJA a instrução da qual são cobrados.

De acordo com Silva (2010), quando os jovens chegam as turmas da EJA, encontram um universo diferente daquele que frequentavam. Ainda que possam encontrar pessoas de suas idades, precisam aprender a conviver com outras, inclusive idosas. E esse choque de gerações tem dificultado ainda mais a prática pedagógica do professor, sem uma qualificação adequada para essa modalidade de ensino, visto que o público é constituído de pessoas com objetivos e histórias de vida diferentes.

Conforme Carvalho (2010), a juvenilização da EJA tem modificado esse espaço antes direcionado a adultos e idosos e provocando demandas de novas formas de atuação metodológica e de conteúdos. Para segundo Silva (2010), o jovem possui a característica de fazer várias atividades simultaneamente, como conversar e fazer as atividades escolares, diferentemente do aluno adulto e/ou idoso que necessita de foco, pois está propenso a distrair-

se facilmente, sendo comum “perder o fio da meada”.

Carvalho (2010) acredita que um dos maiores desafios para a EJA é articular as relações entre os profissionais envolvidos no trabalho pedagógico e os diferentes públicos que compõem esta modalidade de ensino, de maneira que haja possibilidades de educação num mesmo espaço de maneira compartilhada. Desse modo, pensar em desenvolver estratégias e metodologias para atender as diferentes gerações presentes na turma da EJA tem merecido destaque nos debates educacionais e objeto do desenvolvimento desse estudo.

O ensino de Matemática e a influência da juvenilização na EJA

Diversas variáveis intervêm no ensino de Matemática para jovens e adultos: um público especial, um curso com limitação de tempo, a falta de materiais específicos para esse público, um professor geralmente sem formação específica para essa atuação e os conflitos intergeracionais (CEMBRANEL; ZORZI, 2009). Essas várias intervenções têm ficado cada vez mais acentuadas nas turmas da EJA, considerando que, desde os primórdios, essa modalidade de ensino tem permanecido às margens da sociedade. Duarte (2009, p. 7) ressalta que

As pessoas que trabalham com educação de adultos, tem, em geral, um receio em relação a matemática e, em sua maioria, consideram o ensino para os sujeitos que frequentam a EJA um problema secundário, ou, pelo menos, um problema não pertencente à sua área de atuação.

Sem uma formação adequada para atuar na EJA, os educadores transmitem, pelo fazer pedagógico, uma visão estática do conteúdo matemático, como se ele fosse pronto e acabado, como se tivesse sido sempre assim, como se seus princípios e regras fossem absolutos no tempo e no espaço (DUARTE, 2009). Porém, essa prática desenvolvida pelos professores dessa modalidade de ensino, são geralmente utilizadas com base no seu processo de formação, reproduzindo igualmente como lhes fora ensinado, visto que, as universidades, especialmente, os cursos de Licenciatura em Matemática, ainda não introduziram em suas estruturas curriculares, discussões sobre a EJA, e nem mesmo tem proporcionado aos alunos conhecer as especificidades dessa modalidade de ensino.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) estabelecem que aprender Matemática é um direito básico de todos e é uma necessidade individual e social de homens e mulheres. Criar estratégias e condições para que o educando desenvolva a habilidade de se comunicar através da língua materna é um dos desafios do educador de jovens e adultos (PCN, 2001). Corroborando essa ideia, Duarte (2009) salienta que se os educadores pretendem contribuir

para que os educandos sejam sujeitos das transformações sociais e do uso da matemática nelas, é necessário que contribuam para que eles desenvolvam um modo de pensar e agir que possibilite captar a realidade enquanto um processo, conhecer as suas leis internas do desenvolvimento, para poder captar as possibilidades de transformação do real.

É importante ressaltar que quando os educandos da EJA retornam para as salas de aula, seja os sujeitos maduros e idosos, ou o público jovem que busca nessa modalidade de ensino mecanismos para acabar com o processo de exclusão vivido no ensino regular, eles trazem consigo saberes de vida e estratégias usadas no seu dia a dia para resolver situações matemática. Desse modo, valorizar as vivências trazidas pelo educando para a sala de aula e respeitar a diversidade cultural é fundamental na EJA. Diante disso, D'Ambrósio (1986, p. 5) afirma que:

Respeitar o passado cultural do aluno além de lhe dar confiança sobre seu próprio conhecimento, também lhe conferia (...) certa dignidade cultural ao ver suas origens culturais sendo aceitas por seu mestre e desse modo saber que esse se estende também à sua família e à sua cultura.

Sendo assim, é importante que os educadores valorizem o conhecimento de vida dos educandos que frequentam essa modalidade de ensino e que busquem desenvolver metodologias e estratégias de ensino que contribua para a sua aprendizagem matemática. É imprescindível que o educador esteja preparado para atuar na EJA, além de saber como atender as especificidades dessa modalidade de ensino, visto que, inicialmente, as turmas eram compostas, em grande maioria, por pessoas adultas e/ou idosas, mas, atualmente, as turmas são compostas por uma grande quantidade de jovens que encontraram dificuldades no ensino regular, e desmotivados e desencantados, buscam na EJA possibilidades de inserção social.

A realidade da EJA tem exigido cada vez mais, o desenvolvimento de estratégias e metodologias do ensino de matemática que atendam essa heterogeneidade de gerações e que possibilite a extinção desse fracasso escolar vivido por grande parte dos sujeitos e que tenham acesso a uma educação matemática relacionada com a sua realidade. Na sessão seguinte, abordaremos estratégias e metodologias propostas por alguns autores para que o ensino de matemática na EJA consiga atender, mesmo que minimamente, as especificidades dos sujeitos jovens, adultos e/ou idosos.

Estratégias e Metodologias para o ensino de matemática na/da EJA

O desenvolvimento de estratégias e metodologias para atender os sujeitos da EJA que

buscam extinguir com a exclusão vivida no cenário social e/ou pelo próprio ensino regular, tem sido destacado por muitos autores - Freire (1979), Di Pierro, Joia e Ribeiro (2001), Farias (2010) e Braga (2011) - que buscam dar voz a esses indivíduos, mostrando, a partir da aquisição do conhecimento, que podem ser autores de suas próprias histórias, participando ativamente da sociedade e desenvolvendo uma postura crítica e reflexiva, para a construção de uma sociedade mais inclusiva.

Paulo Freire, em sua pedagogia para adultos, desenvolveu estratégias e metodologias visando alcançar a alfabetização dos sujeitos excluídos pelo processo de ensino brasileiro. Antes do Golpe Militar, ocorrido em 1964 que culminou em seu exílio para o Chile, Freire (1979) apresentou e aplicou o projeto conhecido por “Método de Freire”, no qual, buscou trabalhar com palavras geradoras. No livro intitulado “Conscientização: teoria e prática da liberdade”, Freire (1979) apresenta como o educador pode desenvolver estratégias e metodologias para que o aluno consiga desenvolver a sua criticidade e, em seguida, sua capacidade de leitura e escrita.

Com base em Freire, antes de iniciar sua prática pedagógica, o professor precisa conhecer a realidade do aluno, o contexto no qual está inserido, seus interesses e perspectivas, visto que, é a partir dessa visão prévia que o professor deve alfabetizá-lo e conduzi-lo para uma reflexão de sua própria realidade. Com base nas propostas apresentadas por Paulo Freire, é possível pensar no ensino da Matemática de forma a aproximar os conteúdos à vivência dos sujeitos da EJA, provocando debates entre diferentes formas em que as gerações presentes na turma dessa modalidade de ensino podem utilizar para resolver situações matemáticas em seu cotidiano, desenvolvidas sem um conhecimento de sala de aula.

Os sujeitos jovens, idosos e adultos, segundo Duarte (2009), quando se deparam com certas dificuldades, não hesitam e as resolvem utilizando-se daquele seu saber matemático. Porém, “como esse saber não é reconhecido enquanto conhecimento matemático pela sociedade, ele mesmo, assumindo isso, embora inconscientemente, afirma que não conhece nada de matemática e que é ignorante” (DUARTE, 2009, p. 17). Diante disso, cabe ao professor, utilizar seus conhecimentos, incentivando-os e mostrando que os métodos utilizados por ele, são matemáticos e que durante a evolução da Matemática, vários povos desenvolveram mecanismos para resolver situações do seu cotidiano.

A estratégia de utilizar a evolução da Matemática para alfabetizar jovens e adultos, proposta por Duarte (2009) no Projeto de Alfabetização de Funcionários da Universidade Federal de São Carlos, contribuiu para a publicação do livro intitulado “O ensino de

Matemática na Educação de Adultos” e, segundo o autor:

A proposta aqui apresentada é de que esse processo de reprodução das linhas gerais da evolução da matemática continue também na sala de aula a ser vivenciado pelos educandos, só que agora com uma diferença fundamental: a direção intencional desse processo. O conhecimento matemático que a humanidade vem criando durante séculos é, em relação ao educando, um conhecimento “em si”. (DUARTE, 2009, p. 18)

Afirma também que:

Através de uma prática intencionalmente dirigida, os educandos poderão reproduzir condensadamente essa evolução da matemática, recriando o conhecimento matemático “para si”. Não se trata de agir como se esse conhecimento estivesse criado “em si”, [...] nem de apenas “dar” para eles o conhecimento já criado, como seria a proposta tradicional, mas de organizar as condições para que eles possam recriar esse conhecimento “para si”. (DUARTE, 2009, p. 18)

Verifica-se, desse modo, que trabalhar a evolução da matemática, com seus dados históricos permite aos sujeitos reconhecer que o conhecimento matemático desenvolvido por eles em seus cotidianos, também caracterizam um saber matemático adequado para sua realidade e que satisfaz os critérios por eles estabelecidos. Com base na história da Matemática, verificamos as estratégias aplicadas pelos povos antigos para contar, somar e dividir. E esses conhecimentos, foram úteis e necessários para a realidade daquele povo na época, e ainda vale ressaltar que não era um conhecimento desenvolvido em sala de aula. Portanto, mostrando a evolução da matemática, o educador contribuirá para que os indivíduos percebam que também podem desenvolver o seu próprio conhecimento, e ancorados nos paradigmas vigentes da matemática, poderão aperfeiçoá-lo para utilização no dia a dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as especificidades da EJA e a formação inicial do educador, este estudo buscou discutir estratégias e metodologias, ancoradas por Freire (1979) e Duarte (2009), para contribuir com o ensino de Matemática em turmas dessa modalidade de ensino. Verificou-se, a partir de alguns referenciais teóricos que as turmas da EJA vêm, gradativamente, passando por um processo de juvenilização, dificultando ainda mais a prática pedagógica dos professores, visto que, atender diferentes gerações presentes na sala de aula dessa modalidade de ensino, exige estratégias e metodologias diferenciadas e satisfatórias.

Valorizar os conhecimentos prévios dos alunos, de modo a relacionar os conteúdos matemáticos a realidade dos alunos é uma estratégia que pode ser utilizada pelos educadores e que contribui para motivar e despertar o interesse dos sujeitos que buscam na EJA possibilidades de inserção na sociedade e no mercado de trabalho. Desvalorizar o conhecimento de mundo que eles possuem é renunciar

a cultura que eles desenvolveram e que foi suficiente para sua sobrevivência no cenário social durante toda a sua vida.

Considerando também que, trabalhar a evolução do conhecimento matemático proporcionará ao aluno perceber que as técnicas utilizadas por ele para resolver situações do seu cotidiano, também caracterizam um saber matemático, que com auxílio do educador, poderá ser aperfeiçoado, e não desconsiderado. Cabe ainda ressaltar, que essa metodologia permite ao aluno verificar que o conhecimento matemático não é algo estático e fechado em si, mas que passou por diversas transformações e que muitos povos desenvolveram métodos e estratégias matemática para resolver problemas de sua época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos*. Brasília: MEC, 2001.

BRAGA, G. M. B. Os professores da EJA face à diversidade etária discente em sala de aula. **Revista Pandora Brasil**, n. 32, 2011.

CARRANO, P. Educação de jovens e adultos e juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da “segunda chance”. **Revista da educação de jovens e adultos**, v. 1, n.0, ago. 2007.

CARVALHO, R. V. **A juventude na educação de jovens e adultos: estudo das práticas pedagógicas no ensino fundamental, fase ii, e ensino médio**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Tuiuti do Paraná, Paraná, 2010.

CEMBRANEL, S. M; ZORZI, F. **O ensino e a aprendizagem da Matemática na EJA**, 2009. Trabalho de conclusão (Especialização) - Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

COURA, I. G. M. **A terceira idade na educação de jovens e adultos: expectativas e motivações**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2007.

D’AMBRÓSIO, U. **Da realidade à ação: reflexões sobre educação (e) matemática**. 5ª ed. Sumus Editorial: São Paulo, 1986.

DI PIERRO, M. C.; JOIA, O.; RIBEIRO, V. M. Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Cadernos CEDES**, n. 55, 2001.

DUARTE, N. **O ensino de Matemática na Educação de Jovens e Adultos**. 11ª ed. Cortez: São Paulo, 2009.

FARIAS, M. J. **O Perfil do Aluno da EJA**. Publicado em março de 2010. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/o-perfil-do-aluno-da-educacao-de-jovens-e-adultos/34725/>>. Acessado em: 26/11/2015.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. Escolarização de Jovens e Adultos. **Revista Brasileira de Educação**, n° 14, maio-ago 2000, p. 108-130.

LIMA, T. C. S; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katál**, v. 10, n. esp, p. 37-45, 2007.

SANTOS, A. T.; SÁ, M. A. A S. De volta às aulas: ensino e aprendizagem na terceira idade. In: NERI, A. L.; FREIRE, S. A. (Org.). **E por falar em boa velhice**. Campinas, SP: Papirus, 2000. 135p.

SILVA, A. M. **A suplência no nível médio de ensino pelo desempenho acadêmico em cursos de graduação: um estudo de trajetórias escolares**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

SILVA, J A. **Um estudo sobre as especificidades dos/as educandos/as nas propostas pedagógicas de educação de jovens e adultos – EJA: tudo junto e misturado!** 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2010.

VERGARA, S. C. **Projetos e Relatórios em Administração**. 15 ed. São Paulo: Atlas, 2014.